



L.L.L.F.

5

PRÁVOCĚ



P'RA VOCE

revista semanal ilustrada



DIRIGIDA POR
WILLY LEWIN
LUIZ C. AYRES

P R O P R I E D A D E
D A E M P R E Z A
D O "D I A R I O D A M A N H Ã"
R U A D O I M P E R A D O R 2 2 7 - R E C I F E



PREÇO

1\$000





Meias Manon

SÃO AS PREFERIDAS PELAS
ELEGANTES POR SEREM AS MAIS
FINAS E RESISTENTES.

— PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS —

A' VENDA EM TODAS AS
CASAS DE 1.ª ORDEM

Representantes exclusivos:

Alberto Fonseca & Cia. Ltda.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO

Toda vez que V. S. precisar fazer instalação electrica, mudar um supporte, ou um interruptor, ou um simples reparo qualquer, queira **PROCURAR DIRECTAMENTE** (sem intermediarios) a

CASA DAS LAMPADAS

72 - RUA DO RANGEL - 72

Que vende os seus artigos pelos mais baixos preços da praça

Faça uma visita pessoalmente que V. S. se certificará da verdade

Preços de alguns dos nossos artigos:

Fio Chumbo duplo n.º 17 Charleroi metro	1\$000	Lampadas claras Ideal 15x220 uma	2\$500
" " " " 16 " "	1\$200	" " 1/2 watt 25 e 40 watt x 220 uma	2\$500
" " " " 14 " "	1\$500	" " 1/2 watt 60 watt x 220 uma . . .	3\$500
Fio para compainha " "	\$150	Cachimbos de louça um	\$500
Tubo conduit 5/8" " "	1\$500	Box de 5/8 um	\$500
Supportes Americanos com corrente H & H e G.E. um	2\$500	Quadros de madeira 50x40 um	3\$500
Supportes Americanos com chave G. E. um	2\$200	Rosetas para cleats ou forro com parafusos uma	1\$100
" " sem " " " " " "	1\$800	Receptaculos 9171 G. E. um	\$800
" " Allemães simples " "	\$700	" Mignon um	\$400
		" Mignonnette um	\$400

E muitos outros artigos de electricidade a preços excepcionalmente baratos

Recife - Pernambuco

"PRESTAM CONTAS 24 HORAS DEPOIS
DE EFFECTUADO O LEILÃO"

Eusebio Simões & Djalma Simões

— LEILOEIROS —

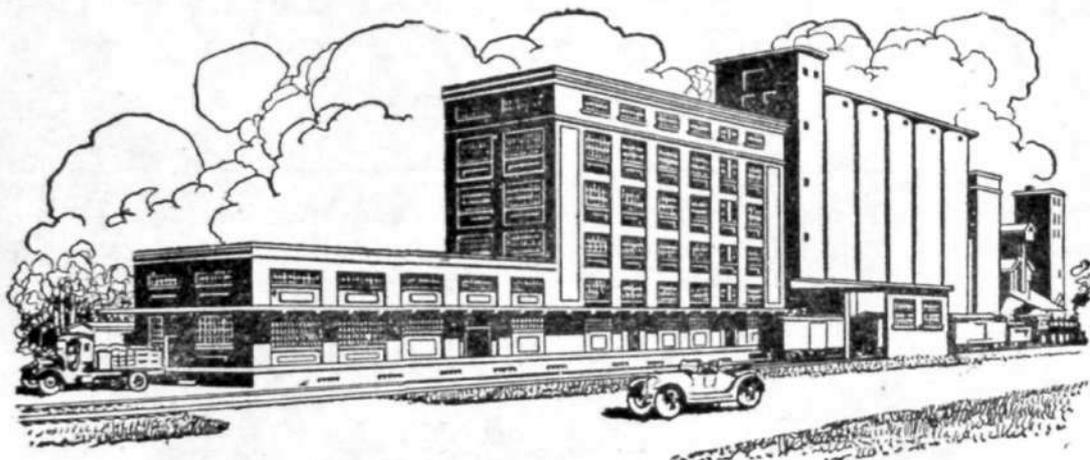
ESCRITORIO E ARMAZENS:

Praça Barão de Lucena ns. 6 e 10

Phone = 6568

Os grandes Moinhos The Robinson Milling Co. chamam a atenção dos srs. proprietarios de padarias para as seguintes marcas de farinha: ESCUDO, SELECTA, e CARABELA

À venda nos principaes Armazens



CONCESSIONARIOS : CIA. VAZ COUTINHO LIMITADA

ATELIER DE GRAVURAS

DO

Diario da Manhã

DIRECÇÃO DE

Benevenuto Telles Filho

Está funcionando no 2. andar do edificio do "Diario da Manhã"

Encarrega-se da confecção de clichés para jornal e revista, em todos os tamanhos

Dispõe de apparatus modernissimos, os mais perfeitos e completos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

DÊ NE·BISE
OS SEUS PÉS...
O CALÇADO



ENCONTRA-SE
Nas principaes sapatarias

DISCOS

Parlophon, Odeon
e
Columbia.

Machinas fallantes:

Sonata, Sonora,

Columbia e

Portateis,

Agulhas

MUSICAS

Classicas e Dansantes.
Methodos e Estudos.

Cordas para Violino,
Violão, Bandolim, etc.

Nelson Ferreira
acha-se diariamente á
disposição dos
srs. clientes para exe-
cutar ao piano
as musicas que dese-
jem adquirir

Filial de

Dantas Bastos & Cia.

Sigismundo Gonçalves, 95

Phone, 6719



Sobretudo de ga-
bardine para
meninos de 6 a
15 annos

Pelerines de
cazemira com
Capur

Capinhas e casa-
quinhas de malha
para creancinhas

Casacos de ma-
lha para senhoras

Sobretudos para homens.
O maior e o melhor sortimento
de artigos para agasalho na

MAISON CHIC

265 - RUA NOVA

Sabão Marmorizado

DA

SABOARIA FRANCEZA

O LEGITIMO SABÃO
MARMORISADO TEM EM
CADA BARRA A MARCA

“MARMORISADO L. B. C.”

Não corta o tecido e, pelas suas boas qua-
lidades saponaceas, é sempre o preferido

ECONOMICO, UMA BARRA VALE POR TREZ DE QUALQUER SIMILAR

FABRICANTES:

Loureiro Barbosa & Cia. Ltda.

RECIFE

Quanto tempo leva a água para ferver?

4 LITROS DE AGUA
LEVANTADOS DE 45% A
FERVURA



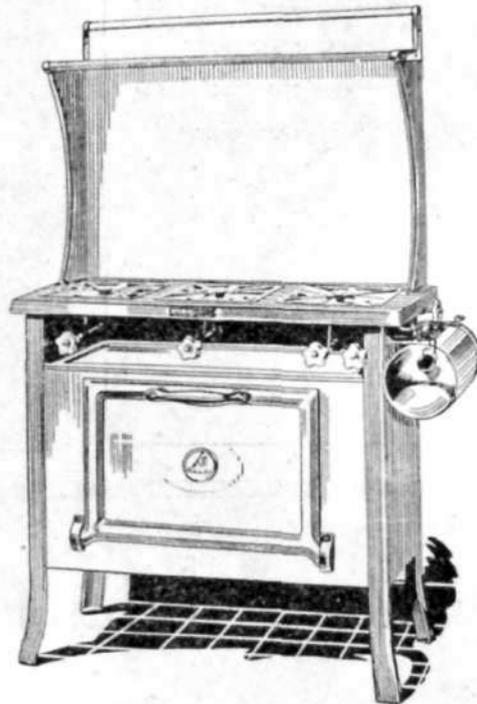
EM 6 MINUTOS
NO FOGÃO
AMERICAN



E 7½ EM GAZ COMUM



EM 21 MINUTOS EM
FOGÕES DE LENHA,
CARVÃO OU KEROZENE!



*ESTE FOGÃO FABRICA SEU PROPRIO GAZ COM
GAZOLINA COMUM, COM MAIOR ECONOMIA,
LIMPEZA E SEGURANÇA QUE QUALQUER OUTRO.*

LEMBRE-SE DA MARCA

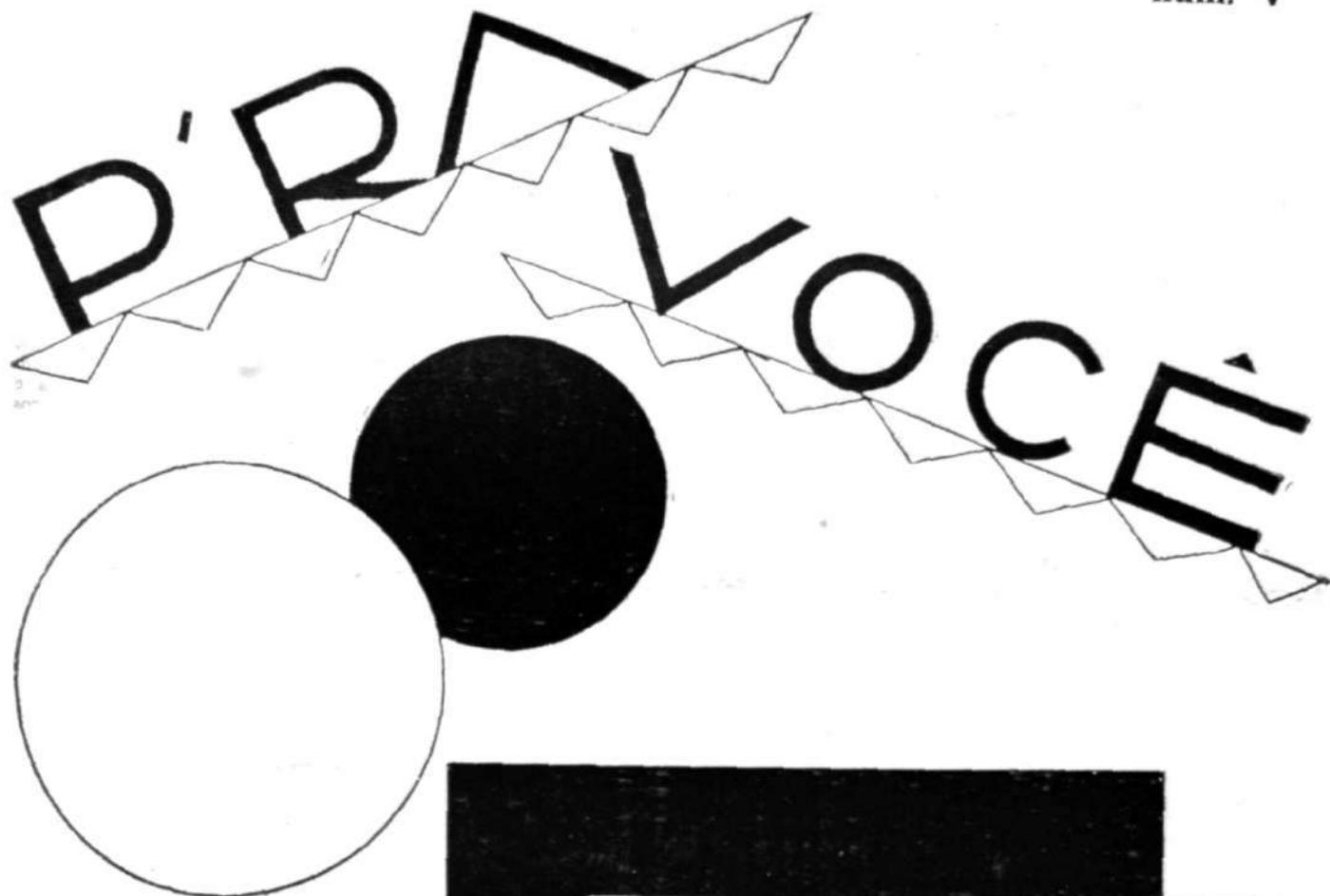
AMERICAN

DISTRIBUIDORES:
M.A. PONTUAL & CIA

KICHENCOOK

Av. M. DE OLINDA, 133 - TEL. 9134

SOLICITAM-SE AGENTES



NOCTURNO

A noite era de fremitos e sustos.

Dentro da Sombra o homem grifou:

— Senhor, perdoai-me!

Vós só fivestes lagrimas para os Vossos olhos,

Vós só fivestes fél para o Vosso copo,

Vós só fivestes espinhos para a Vossa frente,

e a minha vida foi um centico cheio de Sol...

Perdoai, Senhor,—a distancia que nos separa!

WILLY LEWIN

Praça Abandonada

Pro Zé Auto e o Zé Moraes

*Há para mim um encanto tão grande
nesta pracinha abandonada...*

(Porque será que eu gosto das coisas tristes?...)

Abandonada...

*Somente algumas pessoas pobres
se sentam nos seus banquinhos
pra descansar, pra esperar um bonde,
pra esquecer a vida por uns instantes,
ou pra lembrá-la...*

*Entre os seus raros frequentadores,
conheço uns dois, nocturnos, tão antigos e assíduos
que parece terem tomado lá
uma assignatura eterna.*

*Pracinha modesta,
sem repuxos, sem coreto,
sem uma flor para enfeitá-la.*

*Arvoredo escasso,
um obelisco despretencioso ao centro,
e aos cantos umas feras inoffensivas, quietinhas,
como se estivessem eternamente ouvindo São Francisco de Assis...*

*Não há retretas na pequena praça
esquecida das famílias,
das crianças,
das meninas namoradeiras,
esquecida quasi de todos, quasi...
Esquecida até dos vagabundos...*

*As suas arvores mansas vivem tristes
de não acolher idyllios...*

*Apenas, á sua sombra,
há, uma vez ou outra,
um idyllio suspeito de criadilha quente
com algum vagabundo
que ainda não esqueceu inteiramente
a pracinha abandonada.*

A pracinha esquecida até dos vagabundos...

diz-se...



† Houve alguma coisa de anormal n'aquella velha paixão. Mas o rapazinho explicou :

— Não se deve amar sem ser amado !

† O bancario descendente da loira Albion anda com a mania das coisas hespanholas.

Assim é que, domingo passado, na porta da "Gloria", á pergunta d'aquella "salerosa muchacha" sobre o que elle tinha no rosto, (um vulgar e prosaico furunculo), respondeu :

— "Una navajada ! Por amor de sus ojos, señorita !"

† Ninguém sabe como foi que aquillo succedeu. O mocinho andava gastando literatura sobre o desprezo que todos os homens de espirito devem ter pelas mulheres. O Schopenhauerzinho pernambucano chegou mesmo a organizar uma serie de phrases sensacionais a respeito. Mas agora recolheu-se definitivamente ao seu quarto de estudo. A sua victrola não se cansa de girar aquelle samba do anno passado :

"Mas o homem com toda a fortaleza"
Desce da nobreza

E faz o que ella quer. . . "

† De tão batidas, já perderam a graça as aneddotas sobre a proverbial impertinencia das sogras. Talvez seja por isso que o joven poeta, sempre original, arranjou um sogro impertinente.

† Allô ! Faça-me o obsequio de chamar o sr. . . ao aparelho.

Já era o quinto telephonema.

O rapaz, occupadissimo com a revisão das ultimas provas typographicas, foi chamar o sr. . . que chegára momentos antes.

Um "trote" agradabilissimo. Uns dedos invisiveis tangeram as cordas de um violão. Uma vozinha distante e deliciosa cantou Hekel Tavares.

— Quem é você ?

— Não vale a pena dizer o meu nome.

— Mas eu estou anciosissimo.

— Você terá uma decepção si me conhecer.

Elle imaginou uma corteza :

— E' fulana.

Uma leve perturbação sabiamente desfeita :

— Que máo ! Você só pensa n'ella. Vae vê-a agora, talvez. . .

E elle, com a sua longa experiencia "de circo" :

— Qual ! Fulana é muito insignificante.

Do outro lado, o telephone foi desligado com odio. . .

† Aquelle rapaz esguio, poeta e musicista, cuja vida foi, até agora, (até agora, é necessario frizar.) Um turbilhão de "flirts" inconsequentes, nem sabe que está realizando, sem querer, um velho logar-commum geographico, uma figura de rethorica indispensavel em todos os discursos patrioticos. E parece que, desta vez, o Amazonas vae ser mesmo ligado ao Chuy sem o auxilio da literatura.

† Ella affirma-nos, com a maior das tristezas, que a mentira é a companheira de todos os homens. Elle garante-nos, com o maior dos desentantos, que falsidade é synonymo de mulher. Este sentimentalismo piegas, velho como a terra, está estragando a felicidade de ambos.

Aquelle rapaz elegante, sympathico, "spor'sman" quasi completo, disse aos amigos que espera ouvir tres palavras articuladas por uns labios vermelhos e bonitos — traço forte de "rouge" a riscar irremediavelmente o caminho da sua vida.

Reina uma anciosa expectativa em torno das tres palavras essenciaisimas e ainda não proferidas.

Elle conseguiu arranjar essa pequena coisa importantissimas que serve para encher a vida da gente: uma paixão. Elle está apaixonado ! Não sabemos se, bancando o maluco ou o poeta, o que para muitas pessoas vem a dar no mesmo, elle sáe, pela rua, a gritar aos céos e aos ventos, o nome sonoro e minuscuro do seu amor.

Mas elle está apaixonado. Lindamente, commovedoramente apaixonado.

Agora uma cousa que já ia sendo esquecida : Ella não está não. . .



O MENINO DE CÊRA

Conto da Condessa de Pardo Bazan

— A senhora já está esperando — disse em allemão a fräulein.

E Nora, docil como costumam ser as crianças enfermiças, se poz a andar, deceu as escadas sozinha, agarrando-se ao corrimão, e sozinha se mettu dentro da berlinda, ao lado de sua mamãe, que, vendo-a tão seria e pensativa, ao começar a recdar o coche, lhe deu um beijo no pedacinho de rosto, que assomava entre o chapéu e o alto pescoço do agasalho de pelles.

— Então não sabes para onde vamos? — perguntou alegremente, passando pelo frio nariz a sedosa manguinha. — Vamos ao convento.

— Vêr tia Leonor?

— Ora, a quem? E a madre abbadessa e as freiras todas.

Nora reflectiu e uma centelha de contentamento illuminou-lhe as amplas pupilas enristecidas, dilatadas como se houvesse tomado belladona. Naquella época de Natal, a idéa do convento se associava á de mil guloseimas e brinquedos, desses brinquedos do claustro que encantam os pequenos, porque são productos de um espirito infantil...

A senhora, entretanto, com a cabeça voltada para o vidro sorria a outras illusões... Viuva havia dois annos e meio, a ousadia elegante de sua touca orlada de violetas, e o corte juvenil de seu traje de fazenda de côr de amora com ribetes de pelle, reflectiam bem mais do que o allivio, o esquecimento da dôr. Consolada, sim. E si não se casava immediatamente, era para que não a depernassem os murmuradores... Quando fizesse tres annos... Entretanto, que nada soubesse Nora. Para que contrariar as crianças com cousa superior a seu alcance?

Aqui se dissipava seu sorriso. Aquella Nora, desde a morte do pae, dir-se-lia que era a verdadeira viuva; nunca mais parecia ter voltado a brincar e a rir, e todas as receitas do medico e todos os cuidados da mãe não devolviam ao meu' do rosto da orphã a primitiva côr de saúde.

"Parece de cêra esta menina...", diziam as amigas e repetiam os criados. E a senhora, ao ouvi-lo, sentia sempre um estremecimento nervoso: aquella côr amarella lhe recordava outra côr cêrea, a da uma cabeça defunta illuminada por cirios silenciosos...

Não lhe occorria solução alguma para o momento em que fôsse forçoso intelrar a filha de que la ter novamente "papae"... Mas, áquella mesma manhã, vespera de Natal, em um passeio a pé pelas ruas mais solitarias do Retro, á hora em que o sol enrubescia a aréa com toques de esplendor, ficara resolvido que Nora entraria no convento, no proprio convento da Ascenção, ao amparo de sua tia dona Leonor Arlanza, para ficar all até uma idade apresentavel. "Recuperará a saúde..." "O que ella tem é puro mimo". Tal era a opinião do "papá" futuro, e a senhora, entre preocupada e convencida, acabara por acceder. Ao menos, enquanto Nora estivesse na Ascenção, não veria sua pallidez de cirio, sua dilatadas pupilas, a expressão precocemente grave daquelle rosto que cada dia, feição por feição e traço por traço, mais recordava a face do morto.

Era cousa resolvida. Enquanto a menina se entretinha com as freiras, que lhe davam pequenos presentes e se desfaziam em festas, a mamãe cochichava com a abbadessa acerca do assumpto. Sim, ella tinha de fazer uma viagem indispensavel... Viagem que duraria, quem poderia saber? talvez um anno; mais ainda, provavelmente... Norita não havia de andar vagando pelas ruas... No convento estaria maravilhosamente. E a abbadessa approvou com a cabeça. Onde melhor? All com sua tia, com as madres, naquelle socego, longe de perigos mundanos, preparando-se para a primeira communhão... Que a trouxessem quando achassem conveniente: que a trouxessem e veria maravilhas. A madre Leonor la ficar um pouco contente! Ter ali a sobrinhazinha... E a senhora, ao escutar a velha *monja*, *desdentada*, babosa como uma avó, perdeu os escrúpulos e resolveu soltar de cheio o

peso da maternidade. Cuidariam della! Podia afastal-a de si, correr para a felicidade como o barco que, livre dos remos, vóa ao impulso das ondas...

Subiram outra vez ao coche a menina e a mãe. Rodou a berlinda pelas ruas quasi desertas, áquella hora e com aquelle glacial frio de dezembro madrileno. Nevoa gris e densa começava a extender seus fluidos tulles, e os mêcheiros da illuminação, entre ella, amarelejavam e espalhavam sua irradiação, em fantasticos circulos de claridade, como olhos imensos de mocho. Nora, de repente, tocou no cotovello da dama.

— Olha o que levo aqui — disse com certa ufanía, entreabrindo o abrigo.

Inclinou-se a mãe, e em uma intermittencia de luz que projectaram os pharões da berlinda, viu o vulto de um bonico, despido... Era o classico Menino Jesus das freirinhas, ingenuo e castamente idealista em seu modelado; mas tão misero de fórmãs, tão pequenino e, sobretudo, tão descolorido, que a senhora não pôde deixar de exclamar, rindo:

— Que feio é o pobre bonequinho! Si não se soubesse que era o Menino Deus!...

Nora calou-se de repente, e depois, com emphase, murmurou, respondendo á observação de sua mãe:

— Pôde ser feio, mas se parece muito commigo.

E como sua mãe se puzesse a rir outra vez da inesperada resposta, accrescentou a menina:

— Pois é verdade. Has de vêr si fräulein diz ou não que nos parecemos. Si é igualzinho a mim! Como eu; de cêra. Não sou eu de cêra, mamãe?

— Que tollice! — exclamou a senhora, involuntariamente angustiada pelas idéas que o dito despertava em sua consciencia. — Por que has de ser de cêra?! E's de carne. Boba!

— Pois bem ouvi — insistiu a menina — que sou de cêra. Ora, si o ouvi! E o outro dia, na quinta-feira, quando vieram ver-te aquellas senhoras, não sabes? as Vivaldo... tambem ouvi que, ao sahir ellas diziam que por isso... por que sou de cêra... pareço um morto. E' verdade, mamãe? São de cêra os mortos? Está morto este Menino de cêra? papae... depois que morreu?

A angustia da senhora adquiriu tal intensidade physica, que se diria que uma mão de ferro lhe apertava o coração, desfazendo-o violentamente.

O lento rodar do coche entre nevoas; a voz da menina, angustiada e supplicante; seu rosto em que a penumbra enchia de sombra a bocca e os olhos, não deixando apparecer sinão as vagas brancuras da fronte e as faces, tudo contribuía para evocar as temidas recordações funerarias, que de tempos em tempos lhe assombravam o espirito, desejo de apagal-as para sempre.

— Mas, por que ha de estar morto esse menino, filha? — tartamudeou, evadindo a outra pergunta. — Si é o Menino Jesus! Não sabes que ha de nascer amanhã, á meia noite? Olha não digas disparates...

— E se nasce amanhã... posso eu ser sua mamãe? — interrogou a menina.

— Não ha inconveniente... — respondeu a senhora, com a respiração um pouco mais desafogada, attrahindo Nora para si, afim de fazer-lhe uma caricia.

Antes que os labios da mãe chegassem ao rosto da pequena, esta havia pregado os seus á carinha pallida do Menino de cêra, murmurando:

— Este é meu filho... Dormirá em meu quarto, e já não me separo delle. Eh, mamãe?... Os meninos... com suas mães...

A caricia da senhora se humedeceu.

Um orvalho fresco, ascendendo do coração ás pupilas, dilatou sua alma, na qual a maternidade dormia, mas respirava ainda poderosamente.

E, apertando Nora com uma especie de furia, com a ternura brutalidade do instincto que desperta e passa por cima de tudo articulou, como quem pronuncia um juramento:

— Os meninos com suas mães... E' claro, meu amor.

VAGABUNDAGEM INTERNACIONAL DISTILLADA A 60°



EGYPTO

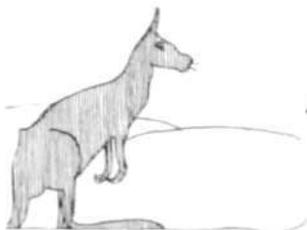
O Kimono de longas mangas é o vestido mais logico n'um paiz onde as mulheres tomam o nome de borbolêtas.

No paiz das pyramides o camêllo é uma pyramide que anda.

JAPÃO



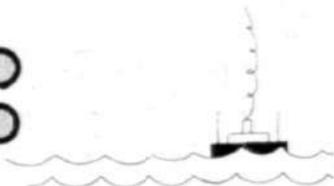
O continente dos paradoxos. O Kangurú enche a bolsa com os filhos.



AUSTRALIA

Um mar de escasso interesse turistico. Por isso as grandes ilhas deram o fóra...

OCEANO PACIFICO

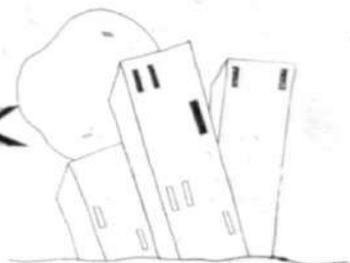


PAMPAS

Os arranha-céos não provam que a architectura americana seja sublime. Dizem apenas que lá o céu é mais baixo.

O laço dos gaúchos é um grito (oh, vem cá!) que no ar se transforma em corda.

NEW YORK



O "charleston" é o "delirium tremens" da Lei Sêcca.



U.S.A.

T O D D Y

fidelidade

Conto de BJORNSTJERN BJORNSON

(Ill. de Scotti)

(Trad. de "P'ra Você")

Além, no valle da minha comarca natal, vivia um casal com seis filhos. Lavravam com afincio uma granja muito vasta, porém, por muito tempo abandonada. O homem feriu-se accidentalmente, com um machado e morreu em consequencia disso, deixando a esposa só, para afrontar a rude tarefa e cuidar dos seis filhos. Ella não desanimou, porém, Conduziu os dois filhos mais velhos para junto do ferreiro

se, na verdade, seguro de sua opinião, antes de observar a expressão da physionomia dos irmãos.

Sem que se tivesse manifestado, existia entre elles o convenio tacito, de não se separarem, de se ajudarem sempre, enquanto a mãe visse.

Esta, por sua parte, preferia que as coisas se encaminhassem de maneira um pouco differente e, com effeito, fez uma combinação com os dois fi-

Por fim, concordaram com a mãe que a jovem de quem se havia falado decidisse a questão. Ao noitecer a mãe perguntou á rapariga se estava disposta a ficar no valle como esposa de um de seus filhos. A jovem respondeu afirmativamente.

Nesse caso, a qual dos moços preferia? A jovem declarou que não havia reflectido sobre esse ponto.

Insistiu a mãe para que o dissesse, pois que ella deveria decidir.

Supponhamos que ella tivesse pensado no mais velho. Não podia ser, pois este havia declarado que não se casaria. A jovem nomeou, então, o mais moço, coisa que a mãe considerou extranha "pois era o mais moço".

— Nesse caso o que se segue ao mais moço.

— E por que não o que se segue ao mais velho?

— De certo: por que não o que se segue ao mais velho? — replicou a jovem.

Na verdade havia pensado neste desde o principio, porém não se atrevera a nomeal-o.

A mãe supetou que o mais velho dissera desde o primeiro momento que não se havia de casar, por ter notado certa sympathia entre o irmão segundo e a jovem. Assim, pois o irmão que se seguia ao mais velho casou-se com a jovem e o mais velho installou-se com elle na casa nova. Por certo que os vizinhos não percebiam a divisão que se havia effectuado na granja, pois os quatro irmãos trabalhavam juntos como sempre tinham feito, e armazenavam a colheita, ora no palheiro de uma casa, ora no da outra.

Pouco tempo depois, a saúde da mãe começou a declinar. Necessitava de descanso e, por conseguinte de alguém que a auxillasse nos trabalhos da casa. Os quatro irmãos decidiram tomar, para que trabalhasse permanentemente em casa, uma rapariga que só ajudava nos dias de maior occupação. Encarregaram o irmão mais novo, que melhor conhecia a jovem, de lhe falar a respeito, no dia seguinte, quando se despedisse. E como o mais novo abrigasse, desde algum tempo, uma secreta affeição por essa jovem, ao falar-lhe, no dia seguinte, fel-o de maneira tão singular, que ella entendeu que lhe perguntava se queria casar com elle e respondeu que sim.

Desconcertado, o moço foi ter com os irmãos e contou-lhes o erro em que estava a jovem.

Os quatro quedaram-se gravemente pensativos. Nenhum se atrevia a pronunciar a primeira palavra. Porém o que se seguia ao mais novo, comprehendeu que este ultimo abrigava uma viva sympathia pela jovem, e que essa era a causa da sua perturbação. Ao mesmo tempo comprehendeu que era o seu destino ficar solteiro, pois se o menor se casasse, elle não poderia casar. Dura pareceu-lhe sua sorte, pois seu coração se inclinava a certa jovem que conhecia... Porém era impossível.

Foi elle quem primeiro falou e disse que deviam certificar-se melhor se a jovem estava disposta a ficar na granja como esposa de um delles. Como de



e fel-os jurar, sobre o cadaver do pai, que cuidariam dos irmãos e que a ajudariam enquanto Deus lhes desse forças. Juraram e cumpriram fielmente a promessa até que o mais novo dos irmãos foi christado. Só então se consideraram livres do compromisso. O mais velho casou-se com a viuva de um grangeiro e, pouco depois, o que se lhe seguia em idade contrahiu matrimonio com uma irmã de sua cunhada.

Os quatro irmãos que ficaram no lar deviam encarregar-se da fazenda e trabalhar por iniciativa propria, depois de haverem permanecido tantos annos sob a dependencia dos maiores. Por certo que não ambicionavam esse novo estado de responsabilidade. Desde a infancia tinham-se habituado a proceder em tudo com a mais solidaria união, e a estreitaram ainda mais, desde o momento em que deviam se depender mutuamente e contar só com elles proprios. Nenhum ousava dar sua opinião senão depois de averiguar a dos outros, e nenhum sentia-

lhos que haviam deixado a casa. A granja, já bem cultivada em toda sua extensão, requeria um augmento de trabalho. A mãe propoz pagar aos dois maiores sua parte de herança e dividir a granja entre os quatro filhos menores, de sorte que tocasse uma metade indivisivel a dois filhos e a outra metade, tambem em conjunto, aos outros dois. Edificar-se-lia uma nova casa junto á velha, dois dos filhos occupariam a nova vivenda e os outros dois ficariam com a mãe. Porém, do par de moços que deixava a casa velha, um devia casar-se, pois era necessario maior auxilio para o cuidado da casa e do gado. A mãe nomeou a jovem que preferia para nora.

Nenhum fez objecção ao plano materno; mas logo surgiu uma difficuldade: quaes eram os que deviam deixar a casa velha e, desses, qual devia casar? O maior dos quatro declarou que estava disposto a deixar a casa, mas que nunca se casaria. E cada um dos outros manifestou em seguida, a sua objecção.



JÁ FOSTE
A MULHER
MAIS BELLA!



DESENHO
D E
L U L U
A

Qual o povo que melhor se veste?

De MOLYNEUX, celebre costureiro parisiense.

SEJA que paiz fôr, venha do norte ou do sul, de Berlim ou de New York, sejam americanos ou hindus — todos que chegam a Paris notam que a parisiense, rica ou pobre, sabe como vestir-se. Veste-se com muito mais gosto que as mulheres de outros paizes. Isto está já affirmado por todo o mundo e ninguém pôde negar que a franceza é a mulher que melhor traja. E porque se dá isso? E' um facto avetiguado que a elegancia, ou o instincto inato para vestir-se melhor que ninguém, está no sangue, como as outras características nacionaes.

As tradições especiaes em que se filia a criação das modas francezas, não são um resultado de simples acaso, mas sim do effeito combinado de qualidades herdadas por successivas gerações de francezas. Por isso é que a mulher franceza, mórmente a parisiense, sabe como escolher o vestido requerido na occasião e como mostrar-se da melhor forma possível.

O vestido desempenha um papel importante na vida da franceza, porque deseja ser amada e atrahir. O interesse passional está talvez mais desenvolvido em França do que em qualquer outro paiz civilizado. Quando uma mulher quer despertar a attenção de um homem para ella, si se vestir bem, tem metade da partida ganha. A melhor prova disso é que as jovens inexperientes, que não conhecem o amor, que são alheias á paixão, ao ciúme e a outras attribuições, sabem menos, geralmente, como vestir-se melhor, do que aquellas que já estão enamoradas.

A typica mulher americana pretende agradecer ao homem, mas veste-se talvez com mais pretensão que a sua irmã franceza. Mas a America é um continente novo; possui poucas tradições de arte, a não ser talvez a sua maravilhosa architectura, e a joven americana só aprende a vestir-se bem quando vem a Paris. Assimila-se aqui com extraordinaria rapidez. Encontra o seu caminho entre as varias tendencias das modas do dia, e essa mesma joven que em seu paiz buscava cousas extraordinarias e que trata de encontral-as ao chegar a Paris, prompto começa a achar-se elegante, sem usar côres gritantes nem trajes raros e caros. Depois de algumas semanas em Paris, conhece geralmente tão bem como a parisiense a arte de bem vestir-se. Mas (e isto é que é bem curioso) logo que regressa á America perde o seu adquirido dom de se vestir com elegancia com a mesma facilidade com que o adquiriu em Paris.

Recentemente, passei na America algumas semanas e fascinou-me a intensidade da sua vida. Experimen-

tei todos os impulsos maravilhosos que esse paiz fornece a um artista. Impressionou-me a extraordinaria vitalidade dos norte-americanos e o entusiasmo que demonstram por qualquer pessoa que haja creado algo novo e excepcional. Os periodicos preparam o caminho ao entusiasmo. Nisto, os europeus são incapazes. Um inventor de modas, como qualquer artista, tem nos Estados Unidos grande liberdade de iniciativa, mas encontra poucas idéas novas. Depois de haver visto tudo o que os creadores de modas norte-americanos podem fazer, chega-se á conclusão de que todos os tremendos esforços das grandes formas, a facilidade com que as americanas assimilam as idéas novas, o amor ao superlativo, o entusiasmo pelo novo e sensacional — é tudo em vão: não podem elucidar realmente boas idéas quanto ao vestir-se. O que alli vi, convenceu-me de que o melhor nas modas americanas vem de Paris e que o indigena não é bom. Não creio, por esta razão, que algum dia a America do Norte tome a direcção deste ramo industrial. Fico-me com os francezes.

O caso é diferente na Inglaterra. A mulher ingleza não se importa bastante com a arte de bem vestir e não comprehende as novas tendencias. E' realmente estranho, pois os inglezes são os homens que no mundo melhor trajam. A mulher falta-lhe a coqueteria, e essa qualidade é indispensavel á mulher que deseja vestir-se bem.

Se bem que eu tenha nascido no Reino Unido e seja irlandez, estou certo de que não teria podido converter-me em um artista de modas se não viesse para Paris.

O caso é tambem differente com as allemãs e scandinavas. A maior parte dellas são por demais dadas ao esporte e ás occupaões intellectuaes para que tenham um verdadeiro interesse na toilette.

A outra razão está na natural frieza do seu temperamento. Não quer isto dizer que não haja mulheres germanicas ou scandinavas que se vistam bem; falo apenas em these, isto é, que ha uma grande relação entre a luta pela vida e a elegancia no vestir, e que esta condição está muito mais pronunciada nas raças latinas que nas germanicas. Quanto ás mulheres da Europa Central, penso que têm gosto, mas sem muita originalidade.

Poderia arguir-se que muito depende da habilidade dos alfaiates de Paris. Não falta razão ao argumento. Elles dirigiram durante tanto tempo o mundo da moda, que têm muito bons olhos; num segundo vêem

o que é que convém a esta ou áquella mulher. Mas, os tempos mudaram e já não influem tanto na criação de novos estylos como ha dez annos atrás. Não possuem o monopolio do gosto e da pericia das oito ou dez principaes firmas cujos nomes dominam o mercado mundial da moda. O publico suppõe que os grandes "couturiers" se reúnem a miudo para combinar o estylo. E' um engano. As mulheres estão aprendendo a conhecer o que precisam e são hoje bastante avisadas para o exigir.

Quando crio e estudo novos modelos, fecho-me no meu gabinete, para me concentrar e resolver que côr material ou composição será de melhor effeito para este ou aquelle cliente, ou para esta ou aquella occasião. O artista creador não pôde manter-se alheio ás novidades technicas do seu tempo, que são reflectidas nas suas creações.

A aviação, o radio, os esportes e as viagens têm influido em todas as creações dos ultimos annos. Agora estamos reagindo contra as saias demasiado curtas e contra a tendencia de tudo sacrificar á conveniencia.

Não sou inimigo dos esportes, mas opponho-me aos excessos dos exercicios atleticos, sob o ponto de vista do vestir. Os homens de hoje parecem-se com seus paes, não sentindo admiração alguma pelas mulheres musculosas. Preferem, sem duvida alguma, a mulher que, sendo affeiçoada aos esportes ao ar livre, se mantém feminina nas suas formas. E' mais difficil vestir uma mulher musculosa do que aquella que só usa o esporte como recreio e pela saude.

Cada paiz tem os seus personagens que mais ou menos dictam a moda ás mulheres. O estylo é o apanagio das classes altas, porque andar bem vestido significa ter bastante dinheiro.

Não é este o caso em França. A franceza não sómente sabe como vestir-se bem, senão como conseguilo com pouco dinheiro. Graças ao instincto herdado de muitas gerações, a moça pobre, "midinette" parisiense, a pequena vendedora, ou a operaria, pôde vestir-se de tal maneira a fazer perder a cabeça de qualquer homem. Qualquer dessas raparigas é uma revelação na materia. No ultimo concurso da "catherinette", uma operariasinha empregada nas minhas officinas, pegou num pedaço de panno umas rendas etc., tudo materiaes ordinarios, e fez com elles um vestido delicioso que aceitei immediatamente como modelo.

Não o alterei em nada; era perfeito, lindo, completo, elegante.

Essa simples operaria é agora uma desenhista estupenda e tem diante de si um futuro de grande modista.



Forte de Orange

ILHA DE ITAMARACÁ

PHOTO PARAHIM

EVOCAÇÃO

Eu queria ser morena
bem queimada deste sol!
tostada,
esbrazeada
como os verões
que incendeiam
e afeiam
a alma da gente
de novas sensações...

Sou desta terra de sol!
Trago estygmias de bronze
que se insinuam
e estuam
na minha pelle
em ricas florações...
Sinto todo o calor seivoso
deste Brasil
que brilha
em céu de anil!...

Os meus cabellos são ramos
que se despencam atrevidos
sarabandando na noite
dos meus cinco sentidos...
Ramos que se enlaçam
que se entrelaçam de flor
onde eu guardo n'um ninho
o abrigo melhor do meu amôr!

Eu queria ser da cor deste Brasil
de bronze,
de cabelleira verde
solta aos ventos,
de pelle requeimada,
bem tostada,
onde o sol fosse rei,
faulhando,
encrespando
a terra forte...
Eu seria então
a melhor expressão
do meu paiz!...

A oração do garoto pobre

O garoto pobre
de roupinhas sujas
que não tem vac,
todas as tardes
faz uma oração bonita
a Nossa Senhora lá de cima...

O garoto pobre
é o menino mais bonito
da rua feia em que elle móra.

Tem uns olhos pequeninos,
azues,
lindos,
que parecem duas bolinhas recortadas do céu.

O garoto pobre
é o menino mais triste que eu conheço:
nunca sonhou com os brinquedos dos meninos
ricos...

E todas as tardes,
á hora romantica do crepusculo,
chorando de mãosinhas póstas,
o garoto pobre
faz essa oração bonita
a Nossa Senhora lá de cima:
— Mamãe, do Céu,
quando é que você me môstra
meu papaesinho que está com você?...

Carlos J. Duarte

Maceió



SAYONARA

MISSA DAS 11



Lá no derby, á hora do Tennis



Missa das 11 horas em S. Antonio

MANDINGA, SINHÁ

Eu quero umas pontas do seu cabelo.
 Eu quero umas ponias do seu cabelo
 para fazer um feitiço,
 um feitiço bem ruim,
 um feitiço amoroso,
 um catimó damnado
 pra você me querer bem.
 A feiiceira ha de queimal-as
 misturadas com alfavaca de cheiro e benjoim.
 E ha de derramar filiros cheirosos
 e petalas de assucena sobre as suas cinzas.
 E você então ha de ficar louca,
 sentimentalmente inclinada para o meu coração
 que lhe ha de dar a ventura mais perfeita.

E s d r a s F a r i a s

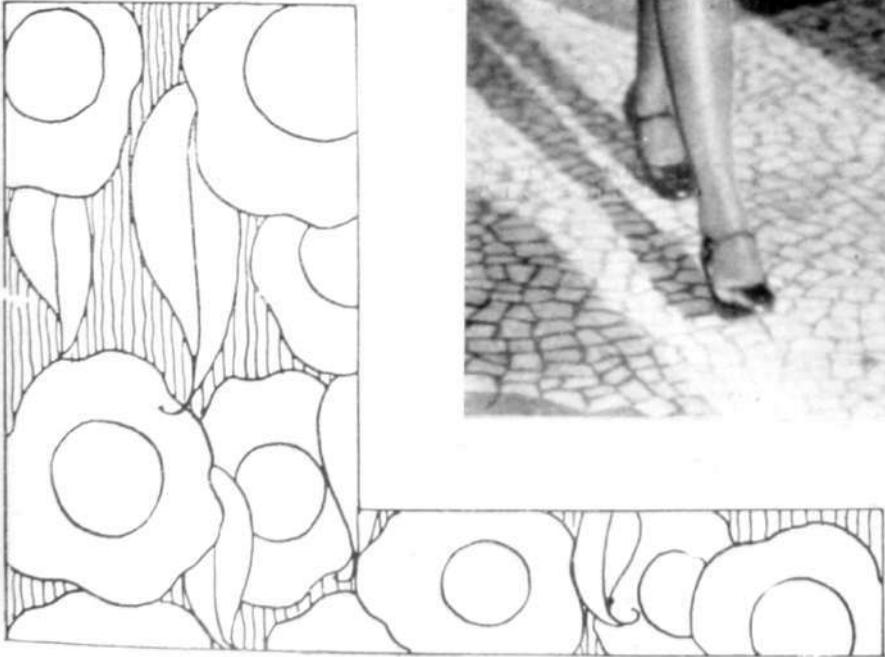


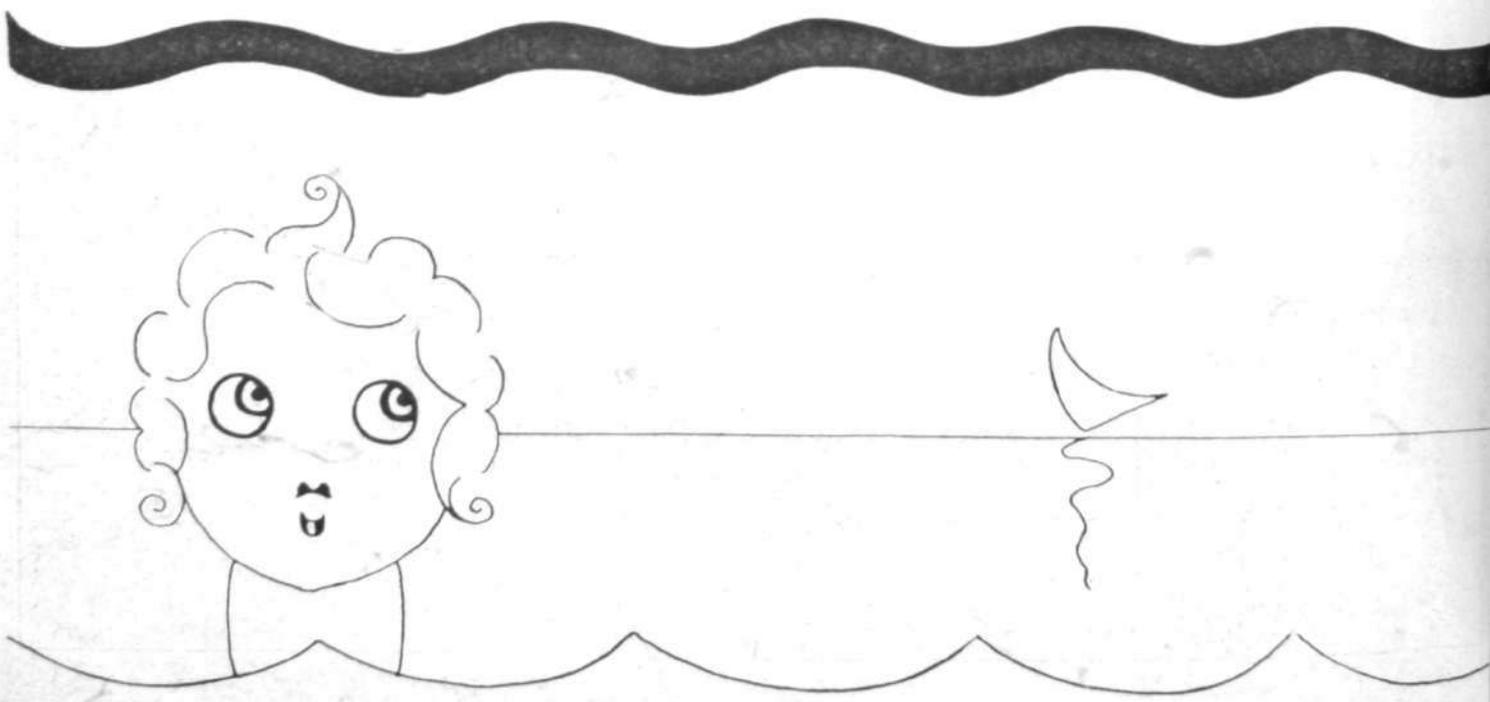
“P’ra Você”... Sol...

Praia... Sorrisos

claros...







Coisas Vistas

Eu gosto das pequenas do bairro de S. José.

Ellas são sinceras. Não escondem a unica preocupação de todas as garotas brasileiras. O unico problema nacional feminino de relevo: achar um marido.

Erra o muito illustre sr. Juvenal Lamartine em querer dar-lhes o voto.

O que ellas querem é o eleitor.

Ou, melhor: o eleito. Naturalmente, o de seus sonhos...

As pequenas dos outros bairros mais aristocraticos, não pensam noutra coisa. Mas disfarçam:

— "O casamento? Uma coisa desnecessaria. Não me casando, não serei uma mulher fracassada..."

Sei meu francez, toco meu piano e, si os meios de fortuna me falharem, leccionarei..."

Historias. O francez servy apenas para a deglutição continua dos romances ("Le livre des jeunes filles"): que acabam fatalmenty em casamento. O piano: para, nos momentos, de transcendentismo lyrico, citar, ao outro cumplice do piano, Chopin, Schubert e outros românticos, que mui gentilmente se prestam ás alcovitices matrimoniaes. As pequenas do bairro de S. José, não usam de engodos. São ellas mesmo.

Não sabem francez. Não tocam piano. Sonham apenas com o Ideal. Esperam que elle passe pelas suas janelas. De qualquer geito: num Cadillac, num Dodge, num Ford, num bonde, a pé...

E, heroicas proletarias da janella, deixam que seus pobres cotovellos, de sol a sol, se callejem arroxeados...

Que Deus vos dê um bom marido, pequenas do bairro de S. José.

Tartarin

Ir.conveniencias

Por Paulina Singerman

Aquelle rapaz era tão insignificante, que só possuia uma cousa de particular: o seu automovel.

○ ○

E' inutil negar talento a uma mulher bonita, e, por consequencia, exigil-o.

○ ○

As mulheres nunca sentem frio, principalmente se estão bem decoradas.

○ ○

Não sabia que houvesse nada perfeito, até que conheci aquelle homem perfeitamente estúpido.

○ ○

Não te apresses em envaidecer-te si as mulheres te olham, ao passar. Repara antes de si não estás parado deante de uma "vitrine" de modas.

○ ○

No "cabaret", e não no Parlamento, é que devia existir a "Sala dos Passos Perdidos".

○ ○

Dizia uma pequena pobre, porém imaginativa:

— Si compro uma capa de pelles aos dezoito annos, que illusão me restará para o futuro?...

○ ○

Dizia, uma senhora super-sensitiva:

— Si vou á rua sem manicurar as unhas, não sei... Tenho a impressão de que estou despida.

○ ○

Dizia uma joven:

— Fiz todas as minhas conquistas á força de discutir sobre a inexistencia do amor.

○ ○

— Si eu encontrasse o homem que me comprehendesse... — exclamava uma solteirona.

— Immediatamente o perderias — replicou-lhe uma amiga intima.

"P'ra Você"

... Elle continuou, entusiasmado: — Eu pensava tambem que só em Petropolis lá na praça Don Afonso e á margem do Piabanha é que floriam assim maravilhosas as hortencias. E foi então uma bella surpresa ver alli no Espinheiro aquelle jardim cheio dellas, de tufo azul, rosa, lilaz, cheio de cabeças crespas, e setinadas... Pareceu-me um jardim de sonho... E tive uma vontade louca de apanhar todas ellas, de tirar todos aquelles grandes novellos coloridos, juntando-os com gestos macios como si fossem flôres de biscuits, n'um feixe enorme, n'um mólo phantastico e...

... Ella então interrompeu, entre ironica e ciumenta, levantando para elle os seus olhos de japoneza louca:

— Não lhe conhecia essa bizarra tendencia de jardineiro... E depois, para que toda essa colheita assim, tirando as hortencias dos canteiros onde estavam aninhadas? !...

Elle continuou: — Reunil-as n'uma braçada muito grande, porem muito leve, que não pezasse, e trazel-as, todas as hortencias, p'ra você...

Theresinha Caldas

11-3-930

Assim são os homens. Não recuam diante dos maiores crimes; enganar a mulher, enganar o amigo; mas a ideia de que os poderão accusar de haverem tido medo offende-os mais do que tudo.

Alphonse Daudet

Em algumas almas, ha hesitações e timidez encantadoras que podem prender, mas que tambem podem separar para sempre.

Henry Bataille

Um lindo sorriso numa manhã bonita e cheia de sol...





A S O C I E D A D E

FEIRA

DE

SORRISOS

Vão-se os últimos dias de sol, a festa colorida das praias movimentadas, as "soirées" dançantes dos clubes balnearios, as tardes polychromicas de Boa Viagem — vestidos leves, sorrisos claros, turbilhão confuso de machinas esguias, paralamos polidos, pharões nickelados.

As primeiras chuvas molham o asphalto escuro da cidade triste. A nossa gente elegante ficará em casa, burguesamente, junto à victrola domestica, lendo jornaes e revistas, jogando "poker", ouvindo através dos janellões foscos, o ruído monotonico da chuva sobre os canteiros e os telhados visinhos.

São estes os dias que nos esperam. Dias esplendidos, dias deliciosos para os já fallecidos poetas penumbri-tax. Dias insupportaveis, dias horri-veis para os nossos olhos, menos intellectuaes e mais voluptuosos lo

lindo espectáculo frívolo das ruas cheias de mulheres...

JEAN

ANNIVERSARIOS

HOJE: —

Senhorinha Maria de Lourdes Toscano de Britto.
Senhorinha Maria Luiza de Albuquerque Moraes.
Senhorinha Christina da Silva Coelho.
Senhor Lourival Guedes.
Dr. Carlos Augusto Pereira da Costa Filho.
Senhor Oswaldo da Silva Guimarães.
Senhor Roberto Hardman.

DIA 23: —

Senhora Amelia Ferreira Lisboa.
Senhor Antonio Gomes Leal.
Marechal Dantas Barretto.
Dr. Barbosa Lima.
Dr. Ceciliano de Oliveira Mello.
Senhora Beatriz Alcoforado Lins.
Senhorinha Heloisa Lyra.
Senhorinha Ida Souto Uchôa.

DIA 24: —

O poeta Olegario Marianno.
Senhor Oscar de Farias.
Senhorinha Maria do Carmo Alves Brandão.
Senhorinha Aureliana Ferreira da Silva.

DIA 25: —

Senhorinha Maria do Carmo dos Anjos.
Senhorinha Maria Anunciada Lemos.
Senhora Adelaide de Caldas Marques.
Senhora Mathilde Gibson.
Sr. Orlando Pereira Passos.
Sr. Edmundo Cavalcanti de Albuquerque.

DIA 26: —

Senhorinha Maria Dulce de Oliveira.
Senhorinha Maria Gomes Pereira.
Senhora Amelia Rachel de Oliveira.
Dr. Bráulio Gonçalves.

DIA 27: —

Senhorinha Tracy Dias Cordelro.
Senhorinha Mercedes Mello.
Senhora Maria Helena Diniz Leão.
Dr. Joaquim Inojosa.
Dr. Alfredo Gaspar.
Dr. José de Oliveira Pimentel.

DIA 28: —

Senhorinha Tracy Rios Cordelro.
Senhora Amanda de Hollanda Cavalcanti.
Dr. Orlando de Aguiar.
Coronel José dos Santos Araujo.
Senhor Augusto Cesar Cantinho.
Dr. Oswaldo Loureiro.
Senhorinha Martha Adelaide Bezerra.

Escola Remington

O PIANO DE
MASSENET

MASSENET, o celebre compositor francez tinha certas originalidades interessantes. Uma d'ellas era a de fazer crer que não estudava pi'no, nem tinha em casa esse instrumento. E com effeito, na sua sala jámais se viu um piano.

Mas a bibliotheca de um admirador deitou por terra o segredo do maestro.

Certa secretaria preta, macissa, que Massenet tinha no fundo da sua sala de trabalho occultava engenhosamente um piano..

E, assim, o musicista francez se livrou dos importunos e fez uma delicias "blague" tão a feitio dos francezes...



TRÊS VISÕES DE FERNANDO DE NORONHA

I

DE LONGE, O "PICO"

Primeiro o "Pico".

Longe...

Embuçado na nevoa matutina.

Sombrio, tragico, solemne,

parado sobre as aguas...

Petrea visão, dir-se-ia,

do Adamastor.

Extraviada estrophe d'"Os Luziadas",

perdida no naufrágio,

e que ali veio dar trazida pelo vento,

a celebrar Camões

nesta banda do mar.

Adamastor de pedra!

II

O ARCHIPELAGO

Depois todo o archipelago flutua,

treme e se offerta á nossa vista.

Santo Antonio...

Ilha Rata...

O Pharol...

Lá em cima, domando o promóntorio,

a velha fortaleza escalavrada...

Ilha do Meio...

Praia do Cachorro...

Os Dois Irmãos trocam-se confidencias...

O Ginete só falta relinchar...

III

A CHEGADA

E, á luz diffusa do meio-dia,

o "Guaratuba" ancóra.

Ronda o ar uma nuvem de mumbêbos.

(Gaivotas?!)

Que lindo, o Céu! que azul profundo, o Mar!

que hostil, a terra!

(A Ilha é uma aggressão, um insulto em granito

a quem a vê pela primeira vez

ainda do Mar.)

Porém... oh! as gaivotas!

Poesia...

Commovida ternura de meus olhos!

(Oh! a emoção de contemplar, á vez primeira,

no seu remigio serenissimo

entre o céu de faiança e o luar electrico,

uma gaivota!)

- Allegoria alleluial das azas!...



Senuca
930.

O pintor Vicente do
Rego Monteiro

CARICATURA DE SENUCA

A Inconsciência

PORQUE te assusta a inconsciência ?

Deves, por ventura, grande coisa nos teus pensamentos ?

A beleza dos teus pensamentos, a magia de tuas idealizações foram para os outros. A ti, cada pensamento e cada idealização te serviram de espinhos.

Levavas uma coroa de espinhos e apenas invisível o interior.

Olha como é formoso, placido e sereno tudo quanto é inconsciente.

Olha o que o vento faz com as folhas das arvores e com as ondas, sem causar dor.

Olha como a rosa sem dor desabrocha, floresce e morre.

Contempla a água que, tornando-se catarata, se despenha e sem dor é espuma ao saltar o abismo e espedaçar-se contra os dentes da rocha.

Observa o perpetuo avatar das nuvens viajeras.

E tu, que eras na infância e antes della ?

Não repousavas acaso no seio da maternal inconsciência ?

E soffrias, por ventura ?

E o proprio sonho, teu amigo predilecto, que é em summa ?

Ah ! não receies pisar na ilha dos Lotophagos !...

Deixa que os teus livros, cheios de amor para todos, seja a muda e generosa consciencia que de ti sobreviva ; e tu, ao menos por alguns seculos, dorme, dorme, dorme...

AMADO NERVO.

Um apologo de Tolstoi

NA praça de certa cidade havia uma grande pedra. Occupava demasiado logar e era um estorvo para a circulação de vehiculos. Chamaram varios engenheiros e lhes indagaram como seria possivel retirar dali a pedra e quanto custaria o trabalho. Um dos engenheiros respondeu ser preciso o emprego de dynamite e remover immediatamente os estilhaços, serviço que exigiria o dispendio de oito mil rublos.

Outro declarou que era necessario collocar debaixo da pedra um carro de ferro com quatro rodas e com a ajuda de muitos homens fazê-la deslizar sobre o carro até levá-la fóra da cidade. E accrescentou que na tarefa seriam consumidos quatro mil rublos.

Um camponio interview e disse :

— Pois eu retirarei a pedra daqui, e só cobrarei cem rublos.

Todos se admiraram e quizeram saber como procederia o homem inculto. E este respondeu :

— Cavarei junto da pedra um grande poço, pouco maior do que ella. Espalharei a terra por toda a extensão da praça. Logo depois, dois outros homens, cada um com uma alavanca e despendendo pouco esforço, farão cahir a pedra dentro do poço. Por ultimo nivelarei o terreno e ninguem supporá que houve aqui, uma grande pedra.

E fez o que disse. Ganhou os cem rublos pelo trabalho e mais com que lhe deram por premio de engenhosa idéa.



Olinda, filha do sr. Oscar Andrade

PSYCHOLOGIA

Ha duas maneiras de amar : ha a maneira daquelles que amam com todo o seu ser, e a maneira daquelles que não dão ao amor senão uma parte do seu superfluo. Deus nos preserve dessa mesquinha.

Romain Rolland

F I D E L I D A D E

(Conclusão)

costume, todos oñ demais se manifestaram de accordo e os quatro se dirigiram para consultar a mãe. Encontraram-na tão agravada em seus soffrimentos que decidiram falar-lhe quando melhorasse.

Passaram-se, porém, dias e dias e, a mãe não se restabelecia. Os quatro irmãos voltaram a deliberar e, então, o menor propoz que continuassem assim, sem mudança nenhuma, enquanto a mãe permanecesse na cama. Os outros declararam-se conformes considerando que a jovem não poderia fazer mais do que cuidar da mãe.

Durante dezeseis annos a mãe ficou prostrada na cama. Durante dezeseis annos a futura nora tratou-a pacientemente sem uma queixa.

Durante dezeseis annos os quatro filhos reuniam-se todas as noites, para a oração, junto ao leito da enferma e, aos domingos, reuniam-se a elles os dois filhos maiores. A meu'do, durante essas horas de paz melancolica, a mãe dizia aos filhos, que nunca se esquecessem da mulher que lhe era tão abnegada. Sabiam elles o sentido de suas palavras e promettiam cumprir o seu desejo.

Durante eses dezeseis annos a anciã bemdisse a sua enfermidade que lhe



permittia provar o amor de seus filhos até o fim. Cada dia, quando se reuniam junto do seu leito, agrade-

cia-lhes sua presença. E um dia felo pela ultima vez.

Os seis filhos levaram-na ao campo santo. Era, então, costume que assistissem ao enterro tanto as mulheres como os homens, e dessa vez seguiram o feretro todos os habitantes do povoado, homens, mulheres e crianças.

O parcho vinha frente do cortejo, seguiam-se-lhe os seis filhos com o calção e prolongava-se um numeroso sequito entoando hymnos solennes que se ouviam a mais de uma milha. Uma vez depositado o feretro e fechada a cova, a proclamação inteira se encaminhou para a granja, afim de assistir a consagração matrimonial do filho mais novo. Assim haviam determinado os irmãos porque o funeral e o casamento tinham estreita relação.

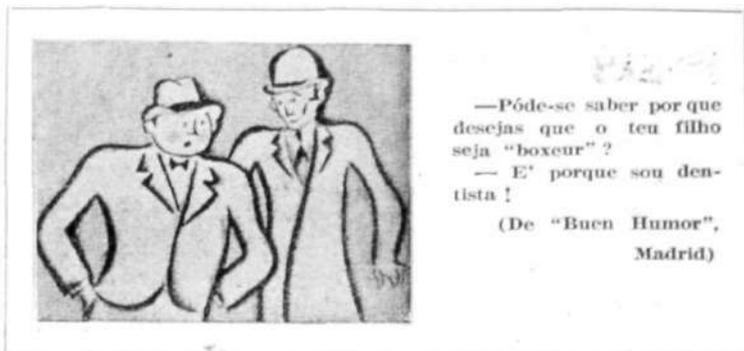
No templo, o pastor, que era meu fallecido pae, falou tão eloquentemente sobre a fidelidade, que eu, presente na occasião, pensei, ao sahir do templo, que era de algum modo vinculado com as montanhas, o mar e a grandiosidade de toda a natureza que nos rodeava.

O bom humor dos outros



O photographo — Sorria ...
O cliente — Não quero. E' para mi-
nhã sogra.

(De "Gutiérrez", Madrid)



— Póde-se saber por que
desejas que o teu filho
seja "boxeur" ?

— E' porque sou den-
tista !

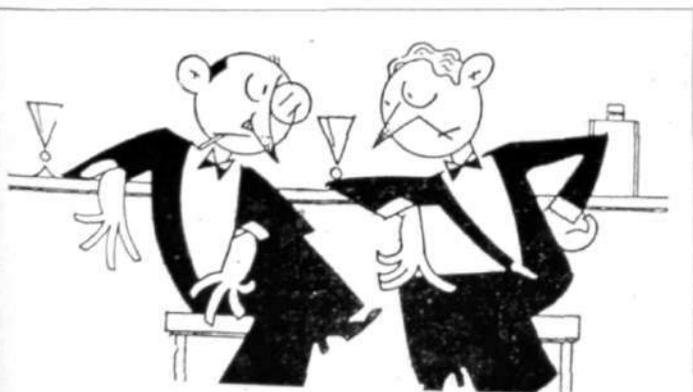
(De "Buen Humor",
Madrid)



— Estamos perdidos ! Descobriram, no Himalaya, uma
planta para resuscitar os mortos e curar os vivos.

— Não te preocupes ; temos ainda, a nosso favor, os om-
nibus e os taxis.

(De "Caras y Caretas", Buenos Aires)



— Crês que exista alguma coisa no mundo que se possa
fazer sem dinheiro ?

- Sim.
- O quê ?
- Dividas.

(De "Gutiérrez", Madrid)



— Por que deixou a cidade, doutor, tendo uma tão grande
clientela ?

— Morreu toda, em pouco tempo.

(De "Gutiérrez", Madrid)

c i n e m a

os programmas da proxima semana

NO PARQUE

Para inauguração do Cinema Sonoro

A BATALHA DE TRAFALGAR NA TELA

A batalha de Trafalgar que a engenhosa produção "A Divina Dama" re-produz com detalhes profundamente emocionantes e com uma suggestiva visão de realidade, foi "filmada" nas costas da California, entre Monterey e S. Diogo.

As suas principais scenas foram cobri-das a 50 milhas fóra da costa e n



logares por onde não passavam outros navios. O director Frank Lloyd que teve a assistencia de 39 radio-telegraphistas distribuidos por todos os navios, dirigiu pelo milagre das ondas ar-tizianas todo o combate simulado, transmittindo a cada navio a parte que lhe competia para não prejudicar a harmonia do grande conjunto. Por medida de precaução 6 medicos e 17 enfermeiras permaneceram nos navios durante as violentas scenas de luta. Quando o primeiro embate começou, 4.789 marinheiros authenticos e extras empenharam-se na sinistra porfia com ardor que dava a impressao de uma verdadeira peleja. Ao fim do dia, centenas e centenas de "feridos" para effeito photographico se "despiram" dos ferimentos. Em meio de tão grande e indescriptivel confusão apenas 360 soffreram, de facto, ferimentos. Nada menos de 1.300 "se feriram" dahi em diante, em cada filmagem, para a melhor visao das photographias, sendo que em 38 foram applicadas pinturas especiaes; 32 alfriates, reparadores e auxiliares trabalhavam, dias e dias seguidos concertando os rasgões dos uniformes; 230 litros de sangue artificial foram gastos nas scenas de batalha...

A escolha dos artistas que figuram em "Divina Dama" obedeceu ao rigoroso criterio de semelhança entre elles e os personagens historicos que representam.

Corine Griffith que se parece, e muito, com a famosa embaixatriz Lady Hamilton mais accentuou essa semelhança na "pose" em que tirou certo retrato, recordando, com muita expressao, o quadro da bella e extraordinaria mulher pintado por Ronney.

Victor Varconi foi indicado para o papel de Nelson por ter não só o physico mas pelos factores psicologicos tambem, sensiveis pontos de contacto com a mais brava figura da marinha

inglesa. H. B. Warner e Montagu Love foram chamados a colaborar na formidavel produçao por se assemelha-rem, e muito, com Lord Hamilton e o capitão Hardy. O mesmo rigor presidiu á escolha dos "extras" que, pelas exigencias da "filmagem", em occasiões diferentes, deviam apparecer nos primeiros planos.

Ainda em torno da "filmagem" das scenas desenroladas no mar ha uma porçao de curiosos detalhes. Acabados os trabalhos ao fim da tarde actores e "extras" que nellas figuravam se reco-lhiam ao acampamento improvisado no Isthmo da Ilha Catharina tal uma legião de soldados em campanha. Em centenas e centenas de barracas de lona elles se distribuam, nada lhes faltando, pois as mesmas eram dotadas de conforto, como: luz electrica, agua corrente e... banheiras. Proximo ao caes, então á regular distancia do acampamento ficava, num grande barracão, o refeitório. A's sete horas, grandes lanchões rebocados por poderosos navios começavam a transportar os "extras" e "actores" para bordo dos navios. Nada menos de uma hora e meia eram perdidas nesse serviço. Tanto que só ás 9 é que a "filmagem" podia começar...

E assim, numa luta que se renovava, dia a dia, a legião anonyma de "extras", e os artistas consagrados pela gloria vieram trabalhando para offerecer ao mundo a maravilhosa produçao da First National Pictures.

NO MODERNO



Sexta-feira — PARAISO — "Paradise" — Milton Sills e Betty Bronson — First National Pictures, distribuido pelo Programma Serrador. — Anthony Fortescue Stirling, da alta nobresa inglesa, mas conhecido na intimidade apenas por Tony, amava aquella vida de aventuras que lhe permittia o muito dinheiro de seu pae, Lord Lumley. E, si gostava das pandegas, tambem gostava dos sports, perigosos principalmente, como a aviação, essa aviação de amadores que presentemente é uma verdadeira praga na America do Norte, representando perigo para a rapaziada que a ella se dedica, como os que pacatamente passelam cá por baixo... E Tony continuaria nesta vida, não fóra encontrar um dia a linda Christina, uma adoravel corista de vaudeville, por quem se apaixonara Teddy, um outro joven da nobresa... destroi-na da Inglaterra.

E tantas foram as aventuras de Tony, aventuras arriscadas que o levaram

muitas vezes a "descansar" nos xadrez e as aventuras amorosas com a Christina, que o pae, ao saber que elle se ia casar com a corista, resolveu não auxiliá-lo mais. Tony, porém, habil mechanico e chauffeur, tomou o unico partido a adoptar no caso: — dono de um taxi de praça. Escandalizado com isso, o pae se resolve procurar um meio de affastal-o da Inglaterra e esse meio logo encontrou, ao se lembrar dono de uma ilha perdida nos mares do Pacifico, ilha que, em todo o caso, tinha o seu rendimento. Fez doação ao filho, com a condição de ir administrar-a. Seria um começo de independencia e fortuna para elle. Lord Lumley pensou que com isso affastava o filho de Londres e da mulher que elle desposara, mas Christina está disposta a segui-lo até ao fim do mundo. Ha apenas uma dificuldade... Como seguirem para lá? O velho dava a ilha e nada mais. E dinheiro?... o chetro. Foi então que Teddy se lembrou de convidá-los para uma digressão em seu hyate de recreio. Elle tentou ir a algum lugar sem determinação e assim poderia ir á ilha de Paratso — assim se chamava aquella recanto onde Teddy e Christina teriam de viver. E, como o convite fosse entendido a todos os presentes, que continuava a ser a roda de Tony, ficou combinado o passeio que seria o meio de ida do novo "rei do Paratso" para os seus dominios. Mas Teddy em sua paixão por Christina, paixão que o levava a perseguir-a constantemente, tinha um plano ao projectar essa viagem.

NO ROYAL



A "URANIA-FILM" APRESENTA A COMMOVENTE SUPER-PRODUÇÃO ALLEMA

MULHER EM CHAMMAS

Um super-film do "Programma Urania"

DIRECÇÃO DE MAX REICHMANN INTERPRETES

Conçessa Clarissa . . . Olga Tschechowa
Conde Thalberg . . . Alexei Bondreff
Barão Thurzo . . . Ferdinando von Alten
Seu filho . . . Arthur Pusey
Baroneza Livia . . . Hedwig Paul
Wintehstet
Sur. filha Lily . . . Inez Monbosi
Ilcnka, mundana . . . Mignon Gheorglen
Marquez di Terna . . . Angelo Ferrari
Um gerente . . . Hans Albets

c i n e m a

MINHAS IMPRESSÕES DA AMERICA

por Maurice Chevalier

Trad. de "P'RA VOCÊ"



Douglas, Mary e Maurice

Canto, neste film, innumeradas canções que foram compostas por Scherzinger — o auctor de Marquitta — e sua adaptação franceza é devida á verve espirital de meu amigo Bataille-Henri. Quereis alguns titulos de minhas canções ?

The Love Parade, Anything to please the queen (não importa o que, para agradar a Rainha, My dream Lover (meu amante imaginario), Paris, stay the same (Paris é sempre o mesmo) A marcha dos 2 Granadeiros, Let's be common (Sejamos como todo o mundo), Nobody's using it now (ninguém mais usa isto agora), etc... Duas dessas canções, The Love Parade e Anything to please the queen são duos que eu canto com miss. Mac Donald.

Esta actriz obteve grandes succes-

os em Broadway com duas canções que fizeram furor na America, Yves, Yves, Yvette e Angela.

Paris stay the same é o meu adeus a Paris. Canto da janella de minha casa. As moças bonitas, do outro lado da rua, cantam commigo. Lupino Lane, que é o meu creado no filme, canta tambem atraz de mim, e todas as creadas da vizinhança fazem côro. Dá-se então uma scena muito interessante. Um gatinho reúne todos os camaradas do quarteirão e duzias de gatos veem, de todos os cantos, para me dizerem adeus. E' preciso vêr para comprehender como é divertido. Penso que este film terá, em todos os paizes, um successo muito maior do que a Canção de Paris. Os grandes directores de Paramount, M. Zukor, M. Las-

ky e M. Schulberg depois de o terem visto — o que ainda não me aconteceu, porque deixei a America assim que o terminei — dirigiram-me, para a França, telegrammas literalmente entusiasticos.

Depois de encorajamentos desta ordem, é natural que eu tenha confiança.

Devo voltar breve para fazer tres films. Espero obter cada vez maior successo e augmentar o valor dos meus films a força de experiencias. Quando estiverem promptos, voltarei á França por alguns mezes, e depois... veremos.

Lá trabalha-se firme e violentamente. Não ha tempo para aborrecimentos, mas isto não quer dizer que eu nunca tivesse tido nostalgia. Perguntae a Yvonne se nós, por mais de uma vez, não nos olhamos, suspirando :

"Ah, Paris !" Mas tudo é bello na America. Todos tentam tornar nossa estadia agradável. Mas apesar de tudo... Enfim, ha horas em que a gente sente o "mal do paiz". Tenho muitos amigos na America e não me succederá mais, desta vez, o que me aconteceu, pouco tempo depois da minha chegada :

Eu tinha ido ver o boxeur Kid Francis, em Pasadena, o Neully de Hollywood. Alguem que me reconheceu na sala, preveniu o speaker. Este typo quiz absolutamente que eu subisse no estrado, mas apesar de toda a sua insistencia declinei da proposta. Elle subiu, então no ring e, designando-me emphaticamente com o dedo, exclamou : "Meus senhores, minhas senhoras, tenho a honra de vos apresentar o maior... o mais celebre... etc... etc..." Quando chegou o momento de citar o nome de semelhante phenomeno, elle balbuciou e desceu precipitadamente do estrado, debaixo dos apupos da multidão. Tinha completamente esquecido o meu nome, se é que jamais o soube.

♦ ♦ ♦

Agora, meus caros amigos, creio que já conversamos bastante. Sinto muito, porem sou obrigado a deixar-vos. Tenho que fazer um mundo de coisas antes de voltar para a America, e a hora da partida aproxima-se.

Digo-vos, pois, adeus e prometto-vos a narração do que, novamente, me succeder na cidade do film.



Gary Cooper

Homem rude e franco das montanhas que aprendeu a vestir o "smoking". O cachimbo, os livros, a poltrona macia. Distância... Recolhimento... Vida interior...

Uma palavra sobre os chapéus



Creação Marie Alphonsine



Creação Marie Alphonsine



Creação Jane Blanchot

Reapparecem os **bérets**, trabalhados em recórtes e incrustações, feitos de duas materias diferentes, realizando conjuntos de uma complicação artistica. Os coloridos acompanham os dos vestidos, salvo para tons neutros que exigem oposições felizes. Revemos os "coifants" de setim preto, para a tarde, com bellos drapeados. O tom verde escuro, que tanto favorece o rosto, está em grande



Creação Marie Alphonsine

moda. As copas são justas, desenhando estRICTAMENTE a forma da cabeça. A frente é descoberta e o rosto se abriga na doce penumbra das abas irregulares.

P'RA VOCÊ

Marcha - canção

DE NELSON FERREIRA

P'ra você, meu bem,

P'ra você, meu bem,

Eu separei um lugar no meu coração,

Mas você, másinha, se fugiu, deixando

O meu amor, a minhe vida, a minha paixão!

First system of musical notation, consisting of a grand staff with a treble clef on the upper staff and a bass clef on the lower staff. The music is in a 7/8 time signature and features a melodic line in the treble and a supporting bass line.

Second system of musical notation, continuing the piece with similar melodic and bass line structures.

Third system of musical notation, featuring a dynamic marking of *p-f* (piano-forte) in the first measure of the treble staff.

Fourth system of musical notation, including a large slur over a melodic phrase in the treble staff.

Fifth system of musical notation, showing a continuation of the melodic and bass line.

Sixth system of musical notation, divided into two measures labeled *I^o* and *II^o*. The *I^o* measure includes a dynamic marking of *f* and a *V^{no}* (Violino) marking. The *II^o* measure includes a dynamic marking of *ff* and a fermata symbol. The system concludes with the signature *J. DINIZ. XXX.*

NÃO SE ILLUDAM!...
O CAFÉ SÃO PAULO

é um producto que se recommenda
 pela excellencia da sua qualidade.

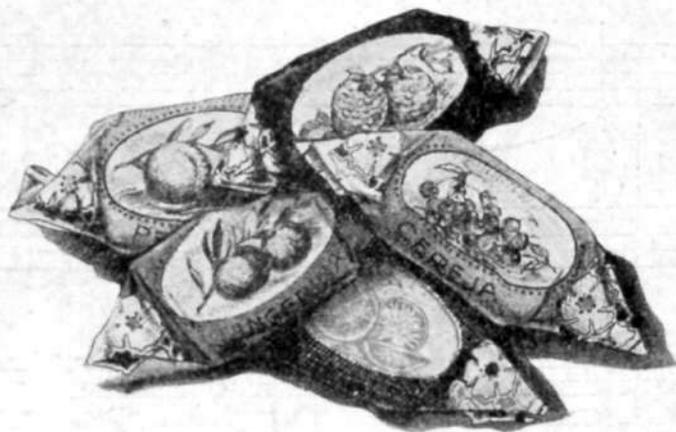
EXIJAM DE PREFERENCIA ESTA MARCA

À venda em todas as mercearias e no Deposito a rua do Rangel n. 140

Os melhores caramellos e balas de fructas



são da fabrica Beija - Flor



O CAFÉ SÃO PAULO entregou ao consumo
 publico durante o

anno proximo
 findo **Duzentos e noventa e sete mil kilos (297.000)**

de artigo de primeira qualidade com a unica marca de sua propriedade,

batendo o "record" dos cafés moidos do Recife.

Programma Paramount

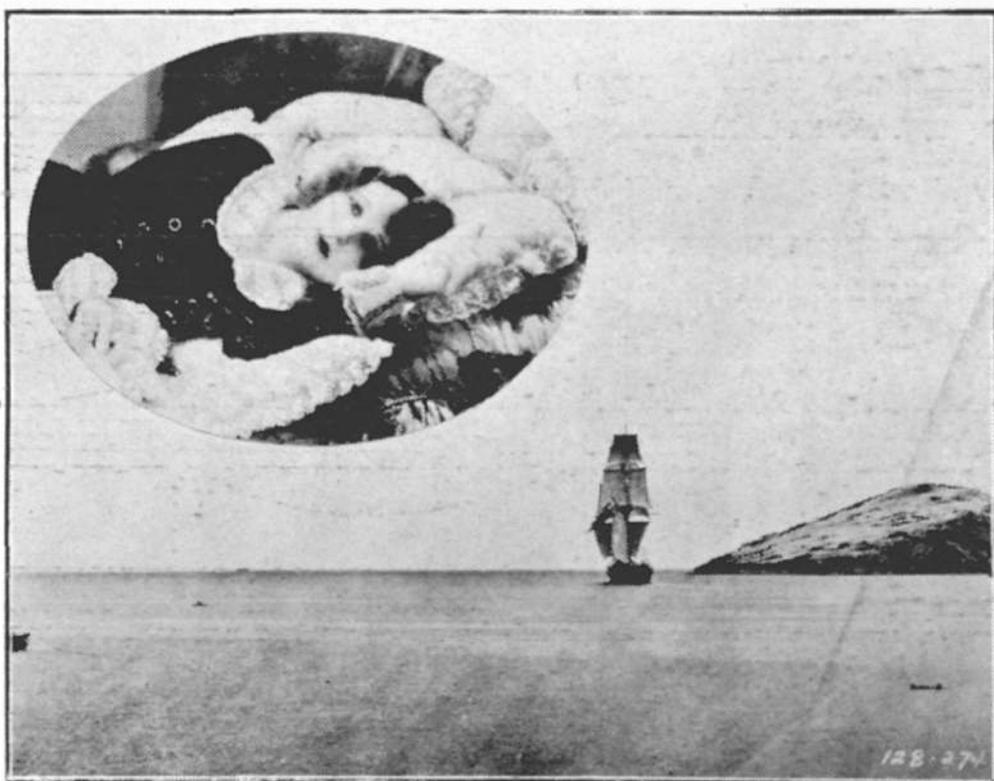
APRESENTA

24 - Março - 1930

Segunda - feira - 24 - No **PARQUE**

Para inauguração do **CINEMA SONORO**

A DIVINA DAMA



**CORINNE
GRIFFITH**

**H. B.
WARNER**

**VICTOR
VARCONI**

IDE OUVIR A VOZ MAVIOSA DE CORINNE GRIFFITH

Um "film" syn-
chronizado, -
cantado e mu-
sicado



O maior film de to-
das as épocas, que
vem ahi para o des-
lumbramento de to-
dos os nossos
sentidos

Distribuição da **PARAMOUNT**



**A
MAIOR
CONCEPÇÃO
MODERNA
PARA O LAR**

REFRIGERADORES

DA

GENERAL ELECTRIC

INFORMAÇÕES

NO

SALÃO DE DEMONSTRAÇÕES

DA

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER CO. LTD.

Rua 1.º de Março, 106 - Telephone n.º 6728